



AS MULHERES IMIGRANTES NA FAMÍLIA TRANSNACIONAL HAITIANA NO BRASIL

**Margarita Rosa Gaviria Mejía
Rosmari Terezinha Cazarotto**

Resumo

Uma visão retrospectiva do processo migratório de haitianos para o Brasil, que inicia após o terremoto no Haiti, em 2010, revela que entre os primeiros imigrantes que escolheram o Brasil como destino de migração, a participação masculina era dominante. Mas, à medida que este processo avança, a presença feminina aumenta. Na análise do processo, percebe-se que o significado do projeto migratório muda conforme o gênero. Da ótica feminina destaca-se a migração como um projeto familiar, que envolve tanto os membros da família que ficam quanto os que partem. Elas aspiram arrumar emprego e ter renda suficiente para estar no Brasil e enviar dinheiro para a família no Haiti. Nesse sentido, nos propomos a tratar acerca do protagonismo feminino na migração haitiana no Brasil, construído em diálogo com material etnográfico produzido no estudo de trajetórias de vida de mulheres haitianas que se encontram no Vale de Taquari, Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Mulher. Migração. Haiti. Família transnacional. Gênero.

1 Introdução

Segundo o balanço de analistas políticos, a diáspora faz parte da realidade socioeconômica, educacional e política do Haiti (HANDERSON, 2015). Diáspora é a categoria utilizada para abordar as relações transnacionais construídas no âmbito de processos migratórios e, desde os anos 1990, denota e reforça o senso de unidade e de identidade entre pessoas dispersas pelo mundo, como é o caso da população haitiana. A *diáspora* se tornou um lugar comum, não só dos estudiosos do Haiti, mas também entre membros de diversas classes sociais no Haiti e de pessoas de origem haitiana em qualquer lugar de assentamento (SCHILLER; JACKSON et al., 2011).

A mobilidade é característica do universo social haitiano, mas se intensifica em períodos de violência política e depois de catástrofes naturais (BRAUM et.al., 2014). Fenômenos como o terremoto de 2010 que destruiu o Haiti, crises decorrentes da brutalidade policial ou de um estigma coletivo, no caso da epidemia de AIDS, revelam a diáspora como uma comunidade partilhada de dor, nostalgia, sofrimento e aspirações por um futuro melhor (SCHILLER, 2011).

A pesquisa diaspórica torna claro que o senso da comunidade transnacional partilhada nunca é uma constante apesar da distância e da experiência histórica, nem inevitavelmente perdida ao longo dos anos. Jackson e outros (2011) assinalam que as identidades dos migrantes e o grau de conexão transnacional muda e é transformada ao



longo do tempo e do espaço.

Desta perspectiva teórica, as pesquisas empíricas sobre diáspora haitiana posicionam-se contra o pensamento binário, visto que o local, o nacional e o global são mutuamente constitutivos. Tempo e lugar são realmente significantes na configuração das imaginárias diaspóricas, mas a variação local é produzida e alterada em relação ao outro. Os destinos preferidos dos imigrantes haitianos desde 1957, ano em que este processo se intensifica (BASCH; SCHILLER; BLANC, 1994), têm sido os Estados Unidos, França, Canadá e Caribe. Países que a partir de setembro de 2001 passam a ser mais rigorosos no controle migratório. Essas limitações migratórias, após o terremoto de 2010, levam à inclusão do Brasil entre os destinos preferidos pelos haitianos. Os motivos desse novo rumo migratório são vários. Não apenas a facilidade de adquirir visto humanitário nesse país, pois Argentina, Chile, Equador e Peru também oferecem visto, mas a imagem de país próspero e de oportunidades divulgada pela mídia e reforçada pela presença militar brasileira no Haiti. Para a aceleração deste fluxo migratório contribui também a participação do governo brasileiro na Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) e o convite do ex-presidente Lula aos haitianos a emigrar para o Brasil, em sua visita ao Haiti, um mês depois do terremoto (FERNANDES; CASTRO, 2014).

Neste sentido, o mito inicial de progresso, modernidade e facilidade no estrangeiro, que impulsiona as emigrações de latino-americanos para Estados Unidos (MACHADO, 2014), é igualmente evocado nas migrações de haitianos para Brasil, como o revela o estudo de caso sobre essa nova experiência migratória no Vale de Taquari, Rio Grande do Sul. Estudo acerca do qual nos propomos a discorrer aqui salientando o papel das mulheres no processo.

2 Estudo de caso

No Vale de Taquari¹, Rio Grande do Sul, vivenciam-se as consequências das transformações da agricultura familiar na década de 1970, decorrentes da mecanização da produção agrícola. Avançam e fortalecem-se as agroindústrias voltadas para a cadeia produtiva de frango, suínos e leite. Atualmente a agropecuária tem sua base social e econômica alicerçada na “propriedade familiar, em minifúndios, caracterizada pela

¹ Constituído por 36 municípios e uma população de 348.435 habitantes em 2014 (Fundação de Economia e Estatística –FEE, 2015)

<http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Vale+do+Taquari>
Consulta em 31 de maio de 2016



diversidade de culturas e criações, estas sempre em regime confinado e na maioria das vezes organizadas em sistema integrado com as indústrias e cooperativas de alimentos” (BDR, 2011, p. 24).

Principalmente nos empreendimentos produtivos do setor de alimentos em municípios do Vale de Taquari² vem se acentuando nos últimos anos o problema da falta de mão de obra, e a entrada de haitianos no Brasil tem-se vislumbrado como possibilidade para suprir essa carência. Uma parcela da população haitiana que se encontrava no Acre³ em 2011 e 2012 a espera da documentação necessária para se inserirem no mercado de trabalho no Brasil, é recrutada por empresários do Vale do Taquari. Este fenômeno revela que não só o crescimento econômico de serviços em grandes cidades demanda de força de trabalho internacional com conhecimento técnico, mas também cidades de interior e pequenas localidades precisam para seu crescimento econômico do imigrante internacional, que exerça atividades manuais, sem muita qualificação e de baixa remuneração (SCHILLER; ÇAGLAR, 2011).

O critério de seleção dos imigrantes haitianos pelos empresários do sul difere daquele apontado na seleção de imigrantes alemães e italianos, nos séculos XIX e XX, para colonizar o Brasil. As políticas de colonização do governo brasileiro buscavam “branquear” a população brasileira, substituindo o trabalho escravo pelo trabalhador imigrante, europeu e branco (SEYFERTH, 2000). Esses critérios de escolha dos imigrantes, dois séculos atrás, se manifestam entre a população local ao reiterar constantemente uma identidade com sua origem europeia. São descendentes de europeus que se autodefinem “alemães” e “italianos”, conforme a origem étnica. Evocam valores e tradições culturais como o uso de dialetos, as práticas culinárias, os estigmas, entre outros, enquanto marcas de suas respectivas identidades.

A referida identidade europeia da sociedade local, após quase 200 anos de colonização, exerce grande influência na constituição demográfica deste território, da qual passa a fazer parte o novo contingente migratório internacional. Quer dizer, as diferenças de cor e de origem étnica são colocadas como marcadores de fronteiras entre as duas categorias sociais, “os estabelecidos e os outsiders”, desenvolvidas por Elias (2000). Fenômeno observado nos discursos sociais através dos quais, por um lado, a sociedade

² Tamanho da população: Lajeado, 70.000 habitante; Estrela, 20.000 habitantes e Encantado 20.000 habitantes.

³ Os estados brasileiros de fronteira de Acre, Amazonas e Roraima eram a porta de entrada de imigrantes. Atualmente, não cruzam as fronteiras terrestres, chegam por via aérea. Geralmente a rota é Porto Príncipe- Panamá-Porto Alegre.



local posiciona-se a respeito da presença dos imigrantes contemporâneos na região e por outro, os imigrantes posicionam-se diante da situação em que se encontram.

De modo geral, percebemos que nas relações dos haitianos com a sociedade local estes são inferiorizados por serem de uma origem étnica e racial diferente. Assim, a imagem positiva do Brasil e dos brasileiros que estimulou os haitianos a migrarem, desconstrói-se uma vez estabelecidos no país de acolhimento. Passam a conviver com o racismo e a xenofobia de que são vítimas e com as dificuldades para conseguirem um emprego onde possam desenvolver suas habilidades e conhecimentos profissionais. As empresas os contratam para desempenhar funções que os brasileiros não querem, em setores operacionais. Ignoram a competência técnica e profissional que alguns haitianos têm. Por sua vez, os haitianos manifestam uma forte identidade com suas origens culturais e com seu país de origem, recriados no uso da língua nativa, na festa da bandeira do país, na música, em rituais religiosos e na comunicação permanente com o Haiti.

Outro motivo de frustração dos imigrantes haitianos é a dificuldade de encontrar vagas em universidades para realizar cursos de ensino superior. O projeto migratório envolve interesses econômicos e educacionais. Querem trabalhar e estudar. A procura por capital educacional está a par do econômico, em vista de que no Haiti o conhecimento é um capital fundamental para ascender socialmente. Contudo, no país de origem, o acesso à educação superior é difícil. O custo monetário para estudar em escolas e universidades é alto e as vagas são limitadas.

Sensibilizados com a situação destes imigrantes contemporâneos, um grupo de professores da Univates⁴ elaborou em 2013 um projeto de pesquisa com o objetivo de se aprofundar nos elementos que perpassam este processo migratório, iniciado na região em 2012. O ponto de partida da pesquisa foi o mapeamento do perfil social do primeiro contingente populacional de imigrantes haitianos no Vale de Taquari, as trajetórias migratórias, histórias de vida, identidades e mecanismos de proteção social criados pelos imigrantes para contornar as adversidades. Optou-se por tomar como perspectiva de análise a lente através da qual os haitianos olham o processo, ou seja, as representações sociais dos que chegam a respeito da experiência migratória.

3 Diferenças de gênero

⁴ Univates é o maior centro de referência universitária na região. Localizado em Lajeado, mas atende a população de toda a região.



Na contemporaneidade, a mulher migrante tornou-se protagonista das ações migratórias. Protagonismo decorrente de interesses econômicos, mudanças no mercado de trabalho internacional, bem como das transformações nas relações de gênero (MARINUCCI, 2007). Conforme a literatura, a participação feminina nos circuitos de diáspora haitiana tem uma longa história e tende a aumentar (BRAUM, 2014). Situação observada na análise do perfil dos haitianos que migram para o Brasil a partir de 2010. Percebe-se que apesar de ser uma população predominantemente masculina, a migração de haitianas para o Brasil tem aumentado no decorrer do tempo.

O processo migratório examinado compreende um período realmente curto, portanto, difere de estudos nos quais se analisam as diferenças geracionais. Neste sentido, as tendências migratórias aqui referidas só podem ser avaliadas comparando o fluxo migratório haitiano ano a ano. Para ilustrar essa ideia, recorreremos a dados apresentados por Fernandes e Castro (2014). Estes, apoiados em informações do MT (Ministério de Trabalho), do CNIg (Conselho Nacional de Imigração) e do MRE (Ministério de Relações Exteriores), indicam que a migração feminina haitiana para o Brasil tende a aumentar. Entre 2011 e 2012 passou de 123 para 843, representando um quinto dos imigrantes haitianos. Com base em dados do Ministério de Relações Exteriores, os pesquisadores mencionados mostram que o número de vistos femininos emitidos entre 2012 a 2013 passou de 423 a 689. Enquanto a migração masculina no mesmo período variou de 961 para 1.691.

O panorama geral da migração haitiana no Brasil, apresentado acima, se vislumbra em nossa pesquisa empírica. Conforme as empresas empregadoras da região que contam com mão de obra imigrante, as mulheres representam atualmente 30% da população haitiana. Neste processo migratório percebe-se também a tendência ao crescimento da presença feminina, ou seja, observa-se a “feminização das migrações”, conceito utilizado pelos teóricos da migração (MARINUCCI, 2007) para designar as mudanças que envolveram as mulheres e incidem no contexto migratório contemporâneo. A feminização das migrações está associada às dificuldades que afetam às mulheres contemporâneas, como a inserção no mercado de trabalho, o acesso à educação, à saúde e às redes de informação, falta de autonomia, vulnerabilidade à violência e à pobreza (RAMOS, 2014).

Apesar da feminização das migrações ser um fenômeno que perpassa as migrações contemporâneas, nas abordagens analíticas das experiências migratórias, de modo geral, as mulheres permanecem invisíveis, estado da arte que limita a compreensão deste acontecimento. Não consideram as especificidades da migração das mulheres, a



menosprezam, pois a tratam como uma variável do padrão migratório masculino (MARINUCCI, 2007). Irrupendo com esse menosprezo e fundamentadas em teorias que buscam dar visibilidade ao papel das mulheres na migração, desenvolvemos a pesquisa etnográfica no Vale de Taquari sobre a migração haitiana seguindo a perspectiva de gênero.

A abordagem do gênero possibilita, por um lado, desconstruir o essencialismo constituinte da diferença dos sexos e, por outro, conceber essa diferença sexual como representação e produto de discursos e práticas institucionalizadas (SOUSA, 2011). Nos termos de Marinucci (2007, p.7), gênero é uma “construção social”, histórica e culturalmente condicionada. Tomando como referência essa concepção teórica de gênero, construímos nossos dados a partir de observações e entrevistas dirigidas a haitianos e haitianas que tinham maior facilidade de comunicação em português e vontade de compartilhar as dificuldades que enfrentam como imigrantes. Esta comunicação nos tornou interlocutores de seus dramas e, em situações de dificuldade, quando possível, intervimos para ajudá-los. Prestamos assistência para atender às necessidades que enfrentam com a língua, roupas, assessoria jurídica, e outros. Essa interação tem-nos permitido mapear algumas trajetórias de vida de imigrantes haitianos e haitianas. Informações com base nas quais percebemos diferenças entre a “voz” dos homens e o “silêncio” das mulheres.

No decorrer do tempo, o clima de confiança criado no relacionamento entre as haitianas e as pesquisadoras permitiu que a voz do silêncio das mulheres se levantasse e revelasse expectativas diferentes às dos homens no projeto migratório. Apesar de ambos os gêneros serem unânimes em assinalar as pretensões de melhora na qualidade de vida deles e de suas famílias com a migração, em certas situações percebe-se o que Marinucci (2007) assinala, os elementos constitutivos da migração da mulher apresentam características diferentes da migração do homem, daí a necessidade de considerar as especificidades da experiência migratória conforme o gênero.

Em termos gerais, os homens buscam independência financeira mediante o acesso a um emprego onde sejam reconhecidas as habilidades e conhecimentos adquiridos no país de origem. Eles também buscam autonomia na decisão do rumo de suas vidas e de suas famílias. Aspiram a ampliar a formação educacional, ingressando em escolas e universidades onde possam dar continuidade aos estudos, conforme o grau de escolaridade, o qual não é homogêneo entre a população imigrante. Alguns têm formação universitária (advogados, professores, comunicadores), outros têm formação escolar



completa e outros apenas o ensino fundamental.

Quanto ao significado da migração para as mulheres, tomando como foco de atenção a geração das primeiras imigrantes na região, percebemos que para elas representa uma possibilidade de fugir da pobreza e das dificuldades de conseguir emprego em seu país de origem. Migrar oferece recursos para elas e seus familiares mais próximos viverem melhor, principalmente os filhos.

No caso das haitianas em questão, a situação difere de outros estudos migratórios que apontam as mulheres no cenário migratório na condição de sujeitos autônomos (RODRIGUES E VASCONCELOS, 2012). As haitianas que migraram entre 2012 e 2014 para o Vale de Taquari não manifestam sinais de autonomia, se por autonomia se entende a capacidade de agir e decidir sobre suas vidas de maneira independente de seus companheiros. Bem como destoa de situações que apontam o empoderamento das mulheres em decorrência da migração. A migração não as liberta das repressões familiares, como se observa nas relações entre casais.

A exclusão social e laboral também condena muitas mulheres migrantes, sobretudo as que têm baixa escolaridade (RAMOS, 2014). As diferenças de escolaridade marcam hierarquias de poder no âmbito do contingente migratório, eloquentes nas relações de poder estabelecidas entre os gêneros. O grau de escolaridade das primeiras levas de mulheres imigrantes, cuja faixa etária oscila entre 25 e 35 anos, é mais baixo que a dos homens. Situação que difere de um contingente migratório recente, 2015 e 2016, no qual temos observado a entrada de imigrantes mais novos (18-22 anos), solteiros e sem filhos⁵. Entre eles não se percebem diferenças de escolaridade por gênero⁶.

O mapa da inferioridade das mulheres expresso na posição das primeiras imigrantes haitianas, no universo contemplado, mostra que as medidas regulatórias promovidas pela ONU contra desigualdades de gênero ficam no abstrato, em vista de que há uma desigualdade instituída culturalmente, que se concretiza no cotidiano das relações entre homens e mulheres. A voz das mulheres tem menos impacto que a dos homens em decisões que moldam suas vidas (SOARES, 2005). A esse respeito se

⁵ Dado obtido ao acompanhar o perfil dos novos imigrantes haitianos, alunos dos cursos de português para estrangeiros, a maior parte dessa população é jovem.

⁶ Estas observações vão ao encontro dos resultados da pesquisa em comunidades de Porto Príncipe no Haiti (BRAUM et al., 2014). Eles apontam sinais de transformação nos últimos anos: as jovens mulheres adquirem novas formas de capital, alcançam níveis de escolaridade mais altos do que as gerações anteriores, neste contexto se igualam aos homens. Assim, as expectativas com a migração entre os gêneros se equiparam.



posicionam os homens em discursos a favor, apoiados em ensinamentos bíblicos: “o homem é quem manda, está na frente, isso está na bíblia”. Discurso reiterado numa cerimônia religiosa em que escutamos a pastora da igreja em que atuam, num dos municípios, dizendo para a noiva que a partir da união matrimonial, a mulher “deve se sujeitar ao marido”.

Na observação das relações entre casais, percebe-se que as mulheres haitianas se submetem ao domínio masculino como um fenômeno natural. A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”. Ordem presente no mundo social e incorporada nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de percepção e ação (BOURDIEU, 2003, p. 17). À luz dos argumentos de Duarte (2013), a naturalização da desigualdade de gênero corresponde a uma configuração “tradicional”, que diverge do *ethos* moral moderno, dependente de uma demarcação moral abrangente, relacional e principal. A ação pessoal é balizada por ditames morais e regras relacionais, associadas, neste caso, às configurações de valores religiosos, de caráter apriorístico, coletivo e imperativo.

Em diversas situações evidencia-se a dominação masculina. Elas precisam consultar seus cônjuges na toma de decisões: escolher uma peça de roupa no brechó, sair a passear, ir ao posto de saúde, à festa de casamento, entre outras. A dominação masculina se manifesta nos espaços sociais por onde perambulam e interagem. Quando o casal anda pela rua, o homem caminha na frente e a mulher atrás dele. E nas igrejas, os líderes dos rituais religiosos e demais atividades coletivas, como os ensaios do coral e representações teatrais, são homens, as mulheres são suas discípulas e peregrinas. Nesse sentido, as práticas religiosas constituem-se na ritualização da dominação masculina sob a feminina num espaço público.

Paradoxalmente, como revelam os dados, o papel da esposa é estruturante. Quando o casal que migra tem condições financeiras, traz o filho ou os filhos do Haiti. Conhecemos casos em que os trouxeram e outros em que não. Em circunstâncias nas quais o processo migratório dos membros da família não é simultâneo, o marido migra antes da esposa e dos filhos. Geralmente, quando este se instala e adquire estabilidade financeira traz a mulher, e se tiver recursos o(s) filho(s) vem junto.

A migração feminina objetiva a reunião familiar. Na decisão de trazer primeiro a mulher do que os filhos, além dos sentimentos e o desejo que une o casal, conta o significado da vida conjugal. Elas desempenham um papel estrutural nesse processo



migratório, dão estabilidade na vida dos companheiros. A presença da mulher é decisiva para o sucesso do processo migratório. Na hierarquia dos papéis familiares, a esposa desempenha um papel muito importante na vida dos homens. Nesse sentido, questiona-se se nos espaços privados a dominação masculina e a sujeição feminina se replicam.

As articulações entre esferas produtivas e reprodutivas vinculadas à divisão sexual do trabalho se organizam de maneira específica nos espaços de migração (MIRANDA, 2014). Neste estudo percebemos que as mulheres são as principais responsáveis pela realização das tarefas domésticas. Fazem limpeza das moradias, lavam roupa e preparam os pratos da culinária haitiana que os aproximam simbolicamente do país. Nos relacionamentos, reproduzem os códigos culturais nos quais se sustenta a vida conjugal. Ao mesmo tempo, no Brasil, se vinculam ao mercado de trabalho, contribuem com a renda da família, através de recursos financeiros. Por isso, quando as mulheres não têm emprego, os maridos se mobilizam a procurá-lo.

O fenômeno observado vai ao encontro do argumento de Braum e outros (2014) acerca das configurações da família haitiana e caribenha. Em geral, caracterizam-se pelo fato da mulher se destacar em tarefas domésticas, enquanto que, os homens no papel de marido-pai, estão à margem dos vínculos estreitos entre mães filhos e filhas. No âmbito doméstico, as mulheres têm mais responsabilidades no que diz respeito aos cuidados do lar e dos filhos. Diferenças que se refletem na desigualdade de gênero e no desequilíbrio na educação.

4 As mulheres no âmbito da família transnacional

A análise do protagonismo feminino da migração haitiana no Brasil a construímos em diálogo com material etnográfico produzido no levantamento das trajetórias de vida de mulheres haitianas que se encontram no Vale de Taquari, Rio Grande do Sul. A ênfase recai no viés feminino, já que entre as mulheres destaca-se a migração como um projeto familiar. Quando começam a falar de suas vidas se remetem logo aos vínculos com membros de família mais próximos que se encontram no país de origem, perante os quais se sentem na obrigação moral de ajudar a mantê-los economicamente. Por causa disso, em caso de terem dificuldades financeiras para honrar esse compromisso se deprimem.

Além do envio mensal de remessas, mantêm laços de comunicação permanentes por telefones ou pela internet com familiares no Haiti, ações que visam a reproduzir o elo da família transnacional. Perante a ausência de interação diária entre membros da mesma



família, os laços afetivos alimentados pelo fluxo de informações e de dinheiro tornam-se princípios reguladores de configurações de famílias transnacionais.

Machado (2014) aponta que a experiência de migração contemporânea é determinada pela eficácia da comunicação virtual que a globalização permite, favorecida pelo avanço progressivo da tecnologia digital. Estes recursos de comunicação possibilitam às migrantes haitianas preservar fortes laços com membros da família que permanecem no país de origem ou que se encontra em outros países. A facilidade e a intensidade da comunicação com esses familiares distantes fisicamente favorece a resistência a se incorporarem à sociedade do local de assentamento. Temos observado com frequência este fenômeno entre as mulheres haitianas. Elas são “transmigrantes”, pois constroem suas vidas em dependência das constantes interconexões sociais que traspassam fronteiras internacionais. Enquanto que a interconexão com a sociedade local se reduz ao ambiente de trabalho.

Os membros das famílias transnacionais que migram constituem unidades familiares menores, que correspondem ao modelo de família nuclear. Mulher, marido e filhos. Em algumas situações, um ou dois irmãos do casal. Não são famílias numerosas, portanto, carecem do apoio da família extensa em momentos em que precisam, como no parto. Situação que gera sofrimento nas mulheres. Culturalmente, quando um bebê nasce no Haiti, após o parto, seus familiares próximos (pais, mães, irmãos, cunhadas) prestam-lhe assistência à mãe nos três primeiros meses no cuidado do bebê e na execução das tarefas domésticas.

O vazio deixado pela distância física da família extensa é compensado nas relações de solidariedade que estabelecem nas igrejas evangélicas às quais se vinculam. O padrão residencial dos imigrantes também contribui a compensar a ausência da família. As dificuldades dos imigrantes haitianos para alugar uma casa não apenas por questões financeiras, mas principalmente pela falta de fiador que responda nos contratos, faz com que as famílias se juntem a outros conterrâneos e compartilhem o espaço de moradia, casa ou apartamento. A moradia em comum os leva a estabelecer relações de parentesco não consanguíneas. Constroem padrões de *relatedness* no contexto migratório. Habitar com outros insere os sujeitos em sistemas de trocas que relacionam e/ou criam parentes (MACHADO, 2014).

Percebe-se nestas relações o que Machado (2014, p. 35) salienta, apoiado em estudos transnacionais, a família é “um dos elementos estruturantes da



transnacionalidade”. Nesse contexto, as mulheres identificam-se como membros de famílias transnacionais, no âmbito das quais “seus membros vivem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros, porém mantidos juntos por criarem algum tipo de sentimento de bem-estar coletivo e unidade, mesmo quando atravessam fronteiras nacionais” (BRYCESON; VUORELA, 2002, p. 3; *apud* MACHADO, 2014, p.36).

A vida das mulheres está estreitamente ligada à de seus familiares. Por isso, as trajetórias de vida femininas e as trajetórias de vida familiar se interconectam. Essa interconexão tem nos revelado o que estudos de migração haitiana informam (ver), a migração acompanha a vida das famílias por várias gerações. Fenômeno que leva à constituição de tipos de famílias divididas entre nações, “entre estatutos de legalidade e ilegalidade, entre saudades e preconceitos” (MACHADO, 2014, p.31).

Não foi só no período posterior ao terremoto de 2010 que os membros das famílias haitianas se dividiram por causa do projeto migratório. São diversos os relatos dos atuais imigrantes no Brasil acerca da separação dos pais (pai ou mãe) que migraram para os Estados Unidos. Igualmente, na atual geração de imigrantes haitianos, no Brasil, percebe-se que em alguns casos esta não é a primeira experiência migratória. Relatam migrações anteriores (deles ou dos cônjuges) para países como República Dominicana, Venezuela e Equador. Algumas das imigrantes haitianas no Brasil divorciaram-se de seus companheiros devido à separação provocada pela emigração dos parceiros do Haiti para outros países. Quer dizer, às vezes, com o tempo, o elo do casal separado pelo projeto migratório se rompe e, homens e mulheres remodelam suas formas de relação, reconstituindo a vida de casal com outros parceiros do país de origem no local de assentamento.

No entanto, na visão de vários autores, as famílias transnacionais, grupos familiares distendidos em vários pontos do globo, não necessariamente perdem os vínculos quando



colocados em novos contextos sociais. Desta ótica, o grupo familiar inclui todas as pessoas envolvidas em situações de migração: homens e mulheres, crianças e adultos, quem sai, quem fica, quem retorna, quem transita (MIRANDA, 2015). São as famílias as que organizam, planejam e executam o fluxo entre dois ou mais lugares (MACHADO, 2014). No caso das haitianas, suas famílias se organizam estruturalmente em termos financeiros e nas responsabilidades para com os cuidados da prole. A migração denota uma estratégia de sobrevivência individual e/ou familiar, em reação a determinadas situações de insustentabilidade existencial. É frequente que através dela se busque o aumento da renda (MARINUCCI, 2007).

As relações hierárquicas e patriarcais no âmbito da família de origem afetam a decisão autônoma nas mulheres de migrar. Mesmo que elas migrem individualmente, não é um ato necessariamente autônomo. Conforme os relatos obtidos em nossa pesquisa, a decisão de migrar das mulheres das famílias não é autônoma, dela participam outros membros. Pais, irmãos, maridos ou companheiros reúnem dinheiro para financiar a viagem delas, devido à impossibilidade de irem para os Estados Unidos, o fazem para o Brasil. A expectativa é de que, uma vez instaladas no local de destino, enviem dinheiro para o sustento da família que ficou. O emigrante sai e deixa, em geral, famílias que dependerão, em alguma medida, do seu trabalho (MACHADO, 2014). Em contraposição, observamos que mães, irmãs ou cunhadas das migrantes que permanecem no Haiti, ficam responsáveis pelo cuidado das crianças, filhos ou filhas das que migraram. Pelas narrativas, a vida das avós haitianas é tomar conta dos netos (as), filhos(as) dos filhos(as) que migraram. Crianças com as quais as migrantes haitianas se comunicam, mas não com muita frequência pela dificuldade de acesso à internet nos lares haitianos. A comunicação é por telefone.

Braum et al (2014) destacam como característica central do universo social haitiano, e indicativa das relações de gênero e geracionais, o fato de que nas casas é frequente a presença de crianças, temporária ou permanentemente aos cuidados de mulheres diferentes de suas mães biológicas. Há uma relação indissociável entre família e *diáspora*. *Diaspora* é uma experiência familiar e de sociabilidade. Nesse sentido, as estruturas familiares na família extensa haitiana desempenham um papel importante na configuração da morfologia social da *diáspora* (HANDERSON, 2015).

No Haiti, além do dinheiro, esperam que o migrante solicite visto para familiares e que mande buscar alguns dos mais próximos. O *diáspora* recebe críticas por residir no

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



estrangeiro dez anos ou mais com filhos e pais no Haiti. Mandar buscar alguém da família constitui um valor moral, uma honra social diante vizinhos e familiares (HANDERSON,



2015). Quer dizer, “os projetos de imigração envolvem o desejo contraditório de consolidação de núcleos familiares” (MACHADO, 2014, p.32). Contraditório, no sentido de que esses projetos migratórios se mantêm mediante a separação dos membros que os constituem. E, no caso Haitiano, inserem-se no marco de uma ordem política e econômica que caracteriza o Haiti enquanto país de emigração e de mobilidade (HANDERSON, 2015).

5 Situações das mulheres e seus filhos

Uma análise do perfil das mulheres haitianas que migram evidencia que elas se encontram em posições diferentes dentro da família transnacional. E em qualquer um dos papéis que desempenham na estrutura familiar, no lugar de filhas, irmãs, esposas ou avós, o projeto migratório representa interesses familiares, envolve tanto os membros da família que ficam quanto os que partem (MACHADO, 2014). O objetivo delas é obter renda para contribuir na manutenção da família transnacional. Dando sequência às ideias Marinucci (2007), as mulheres migrantes vivenciam uma situação de vulnerabilidade e dependência, decorrente da necessidade de enviar remessas e, em muitos casos, de pagar as dívidas das viagens. Contudo, como este autor nota e nós corroboramos na pesquisa, a migração feminina envolve ambivalências em suas protagonistas. **Ao mesmo tempo em que pode servir como forma de empoderamento, denota violação dos direitos fundamentais das mulheres envolvidas. Assim, em determinadas circunstâncias a mulher pode ser vitimizada e em outras, ser um sujeito ativo de transformação pessoal e social.**

Buscamos não essencializar a categoria social “mulher imigrante haitiana”, em vista de que as situações em que elas se inserem socialmente no Brasil são diversas. Falamos em mulheres no plural **e identificamos quatro situações diferentes como imigrantes: 1) migram junto com os maridos. O casal faz junto o trajeto Haiti-Vale de Taquari; 2) migram depois de um período de separação dos maridos, os quais, uma vez estabelecidos no Brasil poupam dinheiro para financiar a viagem das companheiras⁷; 3) migram sozinhas e deixam o marido no Haiti ou em República**

⁷ A despesa é muito grande. Entre passagens, passaporte e visto a despesa é em torno de 4.000 dólares. Chegam com visto concedido pela embaixada brasileira no Haiti de reunificação familiar. Segundo dados do MRE, 16,1 dos vistos femininos correspondem a essa categoria.



Dominicana; 4) são solteiras ou divorciadas que chegam sozinhas. Algumas com o tempo estabelecem uniões conjugais formais, através do casamento, com migrantes haitianos que conhecem no Brasil⁸.

Em todas essas situações se observa que as mulheres imigrantes têm filhos, alguns são filhos do companheiro ou marido atual, outros não. A maior parte delas deixa um ou mais filhos no Haiti aos cuidados de familiares próximos por falta de condições financeiras para trazê-los. Mesmo que o projeto migratório vise melhorar a vida das crianças, ao brindar-lhes recursos para suprir as necessidades básicas e ter acesso à educação, acontece o que Machado (2014) aponta, sobre as crianças recai grande carga emocional, pois implica estar por longos períodos longe dos pais, principalmente da mãe. Outros estudos também notam que deixar seus filhos aos cuidados de familiares provoca marcas psicológicas em mães e crianças, situação que gera os “órfãos das migrações” (RAMOS, 2014).

Os sentimentos das crianças, órfãs da migração haitiana, no Vale de Taquari, o retratam as fotografias que as migrantes carregam dos filhos que deixaram no Haiti e querem aqui⁹. As mulheres, distantes dos filhos e enfrentando dificuldades, ficam emocionalmente abatidas. Vivenciam uma espécie de trauma. Abrir mão da família para buscar trabalho tem um peso emocional forte. Ter que se desprender de um filho é um fato vivenciado com tristeza pelas mães biológicas. A respeito do assunto, Braum, et. al., (2014) revelam que **as mulheres e seus filhos são as principais vítimas e os sofrendores das condições sociais e econômicas impostas pela extrema pobreza no Haiti.**

O objetivo das mulheres que deixam filhos no Haiti é conseguir emprego que lhes permita em um primeiro momento enviar dinheiro para sustentar os filhos no Haiti, ajudar os membros da família que ficaram responsáveis pelo cuidado dos filhos e se sustentar no Brasil. Geralmente, como foi apontado anteriormente, é a mãe, uma irmã, a sogra ou uma cunhada, quem cuida dos filhos da mulher imigrante, às vezes, mas não com frequência e temporariamente, é o marido. Quando a mulher migra sozinha, o cônjuge projeta sair também juntando dinheiro para ir ao encontro da mulher. Em longo prazo, elas (e eles) visam a juntar dinheiro para poder trazer os

⁸ Não identificamos nenhum caso de casamento de haitiana com brasileiro.

⁹ É o que expressam as fotografias que apresentamos no vídeo, “ Os órfãos da migração haitiana”, link: <https://youtu.be/lcla1a8-avM>



filhos para o Brasil e melhorar suas condições de vida.

6 Sentimentos e emoções

Neste processo migratório, as frustrações são enormes porque o dinheiro que ganham no Brasil é insuficiente para se sustentar no local de acolhida no Brasil e enviar para o Haiti. As mulheres sentem uma dor imensa de não poder contribuir como gostariam com as despesas de seus familiares no Haiti. Este problema se agrava ano a ano, pois desde o início desse fluxo migratório (em 2012) até agora (2015), dobrou o preço do dólar no Brasil¹⁰. Maior ainda é a frustração daquelas que não conseguem emprego. Como assinalamos antes, o envio de remessas é uma forma de manter o vínculo com a família transnacional. O fato de ser *diáspora* implica, principalmente, do ponto de vista dos que ficam e das expectativas dos que saem, possuir dinheiro, ser uma pessoa bem-sucedida economicamente (HANDERSON, 2015).

A diferença de outras pesquisas sobre imigração, portuguesa e outras, que tiveram seu auge nas primeiras décadas do século XX, neste processo migratório analisado aqui, em torno de dois ou três anos, a travessia ainda dói. Os sentimentos e as emoções estão contidos em vozes sufocadas pelos problemas que enfrentam. Seguindo Sayad (2002), quando se vive em outra sociedade se sofre mais ou menos profundamente, conforme as modalidades de contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, de maneira consciente ou inconsciente. No caso das mulheres haitianas, estas carregam uma mágoa intensa que manifestam no bloqueio da aprendizagem da língua. Não falar a outra língua é uma maneira de manter a cultura e os vínculos com a cultura de origem (DEMARTINI, 2004).

As haitianas expressam grande dificuldade em se comunicar com a sociedade de acolhimento, enfrentam resistência em vencer a barreira da língua, situação que interfere na integração das mulheres à sociedade de acolhimento. Este cenário lembra as ideias de Seyferth e Martins, colocadas por Demartini (2004), quando assinalam as duas caras do poder expressas no uso ou desuso de uma língua, no contexto migratório. Por um lado, o poder da sociedade de adoção subjacente na imposição da língua aos estrangeiros; por outro, o poder dos imigrantes de não falar

¹⁰ <http://financeone.com.br/moedas/cotacoes-do-dolar>, Acesso, 09/9/2015.



a língua do país de assentamento como estratégia de resistência às imposições da sociedade do local, “os nativos”.

Não conseguir se expressar na língua do país de acolhimento, impede a emancipação das mulheres e as mantém em estado de dependência e de subordinação masculina (SOARES, 2005). Percebemos que, mesmo depois de atravessar diversas barreiras nas fronteiras entre os países, barreiras de comunicação e outras inerentes a esse processo migratório, ao se instalarem na localidade de assentamento, as haitianas estabelecem relações de dependência dos homens haitianos. Quando não têm marido ou parceiro, em momentos em que precisam se comunicar com a sociedade de acolhimento, procuram proteção em um haitiano próximo (parente ou amigo). Eles transmitem para a sociedade de acolhida o que elas querem comunicar. São os tradutores de suas necessidades na vida cotidiana. As acompanham ao médico e no atendimento aos demais serviços públicos. São poucas as que se comunicam com facilidade em português. Postulamos que, mais do que dificuldade em aprender o português, é falta de vontade, pois nos municípios da região oferecem-se aulas de português grátis para imigrantes. Programa de capacitação do qual participamos e onde observamos a presença mínima das mulheres haitianas, apesar delas serem convidadas e estimuladas a fazê-lo.

Os homens na função de mediadores da comunicação entre as mulheres e a sociedade de acolhimento não transmitem a carga emocional feminina da experiência migratória. Dificilmente eles comunicam a revolta que as mulheres carregam neste processo migratório. Revolta que, às vezes, em situações limite, as mulheres extravasam com veemência. Quando se frustram, não conseguem o que querem, como a aceitação de um atestado médico na empresa, choram, gritam, fazem escândalo. “Elas são pacatas, mas quando são rebeldes são terríveis, se não entendem ficam agressivas. Mulher que vem é mais aguerrida. Já tive que acalmar uma que discutia com a enfermeira. Momentos dramáticos que vem de uma carga interior: *meus filhos estão lá, eu estou aqui, ninguém gosta de mim*”, é a interpretação acerca do comportamento das mulheres elaborada pelo chefe de pessoal de uma das maiores empregadoras de imigrantes haitianos, uma indústria de alimentos.

Outra situação de revolta que ilustra este caráter aguerrido das haitianas aconteceu em uma cooperativa de alimentos onde trabalham em torno de 400



haitianos. Foi o caso de uma gestante que se negou a empurrar o carrinho porque batia contra sua barriga e decide por conta própria abandonar a tarefa atribuída e assumir outra, sem se importar em contrariar as regras de trabalho. Atitude diante da qual o chefe responde com uma suspensão por alguns dias e ela a ignora. Um dia depois do acontecimento retorna à empresa e trabalha normalmente desenvolvendo a tarefa que ela escolheu, desafiando a autoridade do chefe.

Quanto às relações entre haitianas, tivemos conhecimento de conflitos, disputas por homens, agressões físicas e verbais. Porém, nem sempre. Entre elas conversam bastante, são unidas, brincam e choram, disse a chefe de pessoal de uma cooperativa de alimentos onde alguns haitianos e haitianas trabalham. Em comunidade, elas encontram forças reproduzindo laços tradicionais, ligados à família, à religião e às práticas culturais exclusivamente femininas, como a elaboração de penteados. Reúnem-se nas casas para fazer os penteados característicos da cultura haitiana. Atividade que geralmente acontece em duplas: uma faz o penteado da outra.

7 Religiosidade

As mulheres imigrantes se encontram nas igrejas pentecostais, que se constituem em espaço de acolhimento. Nessas igrejas, as haitianas e os haitianos celebram seus rituais religiosos na língua nativa. A religião, um dos pilares do cotidiano no país de origem, adquire nova significação no contexto da instalação no estrangeiro, onde a inserção social é difícil e o desafio da adaptação não é livre de consequências psicológicas sobre os indivíduos. Pela extensão e reprodução de redes de troca e de solidariedade que envolvem, as igrejas ocupam uma função notável ao manter a ligação simbólica com o Haiti (AUDEBERT, 2012) e os haitianos.

Em alguns municípios do Vale de Taquari contemplados na pesquisa, a conquista desse espaço religioso começou há três anos em outros há dois. Sendo que nos relatos sobre o início dessas igrejas, destacam-se personagens femininos. Num caso, três mulheres haitianas que não tinham onde dormir foram acolhidas na igreja por solicitação do irmão de duas delas. Passaram pela clínica de assistência a dependentes químicos da igreja Cruzada Pentecostal Brasileira e bateram à porta. A pastora as deixou passar a noite na clínica e acabaram ficando sete meses. Aí nasceu



o vínculo dos haitianos de um município de 70.000 habitantes com a pastora da referida igreja. A qual, ao ter conhecimento desse grupo de correligionários estrangeiros, cedeu-lhes um espaço para os haitianos fazerem o culto religioso na língua materna.

Em outro município vizinho, de 20.000 habitantes, a conquista do espaço religioso começou com o grupo de oração formado por seis mulheres haitianas que iam de casa em casa orando, pois não tinham outro local onde se reunir. Após seis meses de atividade, ganharam visibilidade e foram convidadas pelo pastor da Igreja Assembleia de Deus a utilizarem a Igreja como espaço de oração na língua materna. Desde então, em torno de 80 haitianos se reúnem na Igreja aos domingos, e “realizam o culto do jeito deles”, disse o pastor. Os cultos são liderados por um haitiano. E aos sábados à tarde, 11 haitianas e 11 haitianos comparecem à Igreja para o ensaio do coral.

Os encontros nas igrejas são expressão da vida coletiva destes imigrantes. Nessas ocasiões, corpos e consciências se aproximam em torno do sentimento do sagrado. A religião promove ritos e crenças que reforçam o espírito de solidariedade entre compatriotas e correligionários. Práticas reforçadas pelo canto em uníssono, presente em todos os acontecimentos religiosos.

8 Considerações Finais

Este artigo se insere no marco das reflexões construídas dentro do projeto de pesquisa sobre Migração de haitianos no Brasil que visa, entre seus objetivos, analisar as diversas trajetórias femininas no processo migratório de haitianos para o Brasil. Processo que inicia em 2012 e continua em 2015, apesar de que as vantagens para os imigrantes haitianos neste país de destino diminuem a cada dia. A crise econômica e política pela qual atravessa o Brasil na atualidade dificulta as possibilidades de inserção em espaços de trabalho e a obtenção da renda necessária para a realização dos projetos familiares nos quais as mulheres são o eixo da estrutura familiar.

Referências

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



AUDEBERT, C. **Territoires migratoires et réseaux transnationaux** em La Diaspora Haïtienne. Rennes: Presses Universitaires, 2012.

BASCH; SCHILLER; BLANC. **Nations Unbound**. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments, and Deterritorialized Nation-States. Copyright . Gordon and Breach Science Publishers, 1994.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 3ª. Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2003. 160p. :

BRAUM, P; DALMASO, F; NEIBURG, F. Gender issues: Relations between men and women in the low-income districts of Port-au-Prince. Viva Rio NuCEC/ UFRJ, Junho 2014.(acesso, 5 de maio 2016)

http://vivario.org.br/wp-content/themes/vivario/bibliotecaepesquisa/estudosepesquisas/2014/gender_issues_2014_en.pdf .

DEMARTINI, Z. Imigração e educação: discutindo algumas pistas de pesquisa. **Pro-Posições**. v. 15, n. 3 (45) - set./dez. 2004, p. 215.

DUARTE, L.F. Aonde caminha a moralidade? **Caderno Pagu** , Nº 41 Campinas (Brasil) jul./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000200003>. Acesso em 22 de set. de 2015.



ELIAS, N. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução Federico Neiburg. Editora Zahar. Ed. 2000. 224p.

FERNANDES, D.; CASTRO, M. Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral. **Relatório do Projeto**. Belo Horizonte, Centro Zanmi, 2014. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=Estudos+sobre+a+Migra%C3%A7%C3%A3o+Haitiana+ao+Brasil+eDi%C3%A1logo+Bilateral>. Acesso em 11 de ago. de 2015.

HANDERSON, J. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Revista Horizontes Antropológicos**, vol.21, nº 43. Porto Alegre jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>>. Acesso em 23 set. de 2015.

JACKSON, Regine. Foreword: Locality, globality and Popularization of a Diasporic Consciousness Learning from the Haitian Case by Nina Glick Schiller. In **Geographies of the Haitian Diaspora**. Edited by Regine O. Jackson. Routledge Taylor & Francis Group New York London. First published 2011.

MACHADO, I.J. (org.). **Valadares em Família: experiências etnográficas e deslocamentos**. Brasília - DF: ABA, 2014, 258p.

MARINUCCI, R. Feminização das migrações? Disponível em: http://www.csem.org.br/pdfs/feminizacao_das_migracoes_roberto_marinucci2007.pdf Acesso em 2 de junho, 2016.

MARTINS, J. **O processo de imigração em São Paulo**. Palestra proferida no Museu da Imigração em 22 de abril de 1999. Transcrição realizada por Herbert Rodrigues. Mimeo.

MIRANDA, A. **Revue européenne des migrations internationales**. Editorial. Vol. 31, 2015/1; p: 7-14.

RAMOS, N. Gênero, identidade e maternidade na diáspora, em: **A Vez e a Voz da Mulher: Relações e Migrações**. VI Congresso Internacional, Anais: "A Vez e a Voz da Mulher. Neves Sima (coord). Ponta Delgada, Portugal: 2014, p: 285.

RODRIGUES, F.S. e VASCONCELOS, I.S. Migração, Gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. In **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais/** Sidney Antonio da Silva, organizador. São Paulo: Hucitec; Manaus, Papeam, 2012. P. 221-257

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Travessia. **Revista do Imigrante**, São Paulo: 2000, v. 13, n. especial, jan.

SEYFERTH, G. **Imigração no Brasil: os preceitos de exclusão**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr03.htm>. Atualizado em 10/12/2000 <http://www.comciencia.br contato@comciencia.br> © 2000 SBPC/Labjor Brasil. Acesso em maio 2016.

SCHILLER and ÇAGLAR. Introduction: Migrants and cities in **Locating Migration:**

VIII Seminário Internacional sobre

Desenvolvimento regional

Territórios, redes e
Desenvolvimento Regional:
Perspectivas e Desafios



Programa de Pós-Graduação
**Desenvolvimento
Regional**
mestrado e doutorado



rescalling cities and migrants. Edited by Nina Click Schiller and Ayse Çağlar. Copyright by Cornell University, Unites States of America, 2011.

SEYERTH, G. Assimilação dos imigrantes no Brasil: inconstâncias de um conceito problemático, em **Encontro Anual da Anpocs**, 24. Caxambu: 2000, mimeo.

SOARES, M. **A vez e a voz da mulher imigrante portuguesa.** Universidade de Toronto. Departamento de espanhol e português. MARUJO; BAPTISTA; BARBOSA (orgs). Toronto: 2005, p. 11.